

Dificuldades de Relacionamento entre Jovens e Programas de Desenvolvimento Interpessoal

Isabel Soares* e Bártolo Campos**

Através da análise das dificuldades que os jovens sentem no relacionamento com os pares questionam-se os objectivos dos programas correntes de desenvolvimento interpessoal. Uma escala de auto-avaliação sobre o grau de dificuldade sentida relativamente a quarenta comportamentos nas relações com colegas e amigos, do mesmo e de outro sexo, bem como nas relações com o(a) namorado(a) foi passada a 240 alunos de duas escolas secundárias urbanas, dos 13 aos 18 anos. Os comportamentos com índice mais elevado de dificuldade junto de rapazes e de raparigas dos vários grupos etários não são aqueles a que os programas de desenvolvimento interpessoal têm dado mais atenção. Além disso, o índice de dificuldade é diferente conforme o tipo de relação: maior com os colegas; depois com os amigos e, finalmente, com o(a) namorado(a). Isto parece aconselhar uma maior atenção ao contexto relacional nos programas de desenvolvimento interpessoal.

No desempenho dos vários papéis da carreira do indivíduo (aluno, trabalhador, membro de uma família e de vários grupos sociais...) o relacionamento interpessoal, nomeadamente entre pares, está omnipresente e parece condicionar o êxito do mesmo. O posicionamento face aos outros constitui, além disso, uma questão fundamental que cada sujeito tem de resolver ao longo da sua existência. O desenvolvimento interpessoal tem constituído, por isso, não só um objecto de estudo como ainda um objectivo da intervenção, nomeadamente psicológica. Tendo como pano de

fundo a elaboração de programas sistemáticos de promoção do desenvolvimento interpessoal dos nossos jovens, o presente estudo exploratório procura caracterizar as necessidades de intervenção neste domínio através de análise das dificuldades que eles sentem no relacionamento com os seus pares. Comparar-se-ão ainda as necessidades evidenciadas com os objectivos dos programas mais correntes de desenvolvimento interpessoal de jovens.

Após ter salientado alguns aspectos do desenvolvimento dos jovens que põem em relevo a importância do relacionamento com os seus pares, define-se o sentido global do desenvolvimento interpessoal neste período etário e enunciam-se as questões específicas a que o estudo procura responder para, em seguida, apresentar e discutir a metodologia adoptada e os resultados verificados.

Promoção do desenvolvimento interpessoal nos jovens

Ao longo da adolescência, o envolvimento activo no estabelecimento e desenvolvimento de relações com outros significativos torna-se cada vez mais importante. O processo de construção

* Assistente da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto. (Membro do Serviço de Consulta Psicológica e Orientação Vocacional).

** Professor da Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto (Responsável do Serviço de Consulta Psicológica e Orientação Vocacional).

Neste artigo apresenta-se parte de um estudo mais vasto realizado com subsídio do INIC (Linha de Acção n.º 1 do Centro de Psicologia da Universidade do Porto) sob a orientação do segundo autor; a outra parte refere-se às concepções e atitudes dos jovens sobre o relacionamento entre colegas, amigos e namorados. Agradece-se a António Almeida a colaboração prestada no tratamento estatístico dos resultados.

da identidade e da autonomia, tarefa central na adolescência, realiza-se em sociedade, nomeadamente nas relações que o jovem estabelece com os outros. Este processo implica necessariamente enfrentar novas experiências e acontecimentos, experimentação de papéis, aprendizagem de novos comportamentos; nesta «moratória» psicossocial» (Erikson, 1966), os pares, isto é, aqueles que estão a viver ou viveram recentemente experiências semelhantes, adquirem um valor especial para o jovem, funcionando como um apoio securizante e simultaneamente como um desafio para o seu crescimento pessoal e interpessoal. (Sprinthall e Collins, 1984; Epstein e Karweit, 1983).

Relacionamento entre pares e desenvolvimento

Neste processo de desenvolvimento psicológico dos jovens refiram-se três aspectos em que se evidencia de maneira significativa a importância do relacionamento entre pares (Coleman, 1980).

Em primeiro lugar salientem-se as mudanças internas vividas pelo jovem neste período de desenvolvimento. Destaquem-se a título de exemplo as implicações das mudanças corporais e a interacção destas com outras mudanças por que o jovem passa. Tal como referem Petersen e Taylor (1980) a aquisição biológica da puberdade ou as transformações corporais não determinam «per se» o efeito psicológico na adolescência. A dimensão psicológica deste processo traduz-se antes no seu valor de estímulo subjectivo, isto é, na maneira como essas mudanças são experencialmente descodificadas e o significado que o próprio e os outros lhes atribuem. O corpo transforma-se, o jovem vê-se noutra corpo, sente-se de maneira diferente, experimenta até novas sensações. Os outros também o acham e sentem diferente. A concepção de si próprio e a auto-estima são abaladas. Torna-se necessário reajustar, rever e até inventar uma nova maneira de pensar, sentir, viver o corpo. Qual será aqui o papel dos pares? Indubitavelmente será importante e isso sobretu-

do, porque eles estão na mesma «viagem» e também têm que construir o seu próprio itinerário.

Um segundo aspecto prende-se com as mudanças que se operam nas relações familiares. As ligações à família, o afecto que liga o jovem às figuras parentais também entram neste processo de reestruturação e mudança. É necessário «estar duma outra maneira com a família». Esta revisão pode ser mais ou menos profunda e dramática, mais ou menos intensamente vivida, mas é obrigatória para o desenvolvimento e crescimento psicológico. Dir-se-ia que, independentemente da força ou intensidade deste processo, ele é sempre algo que, pelo menos num certo momento, fragiliza, torna mais vulnerável o Eu. Também aqui os pares são importantes. São por vezes uma espécie de sustentáculo do Eu, ou mesmo um outro Eu que reenvia ao jovem uma imagem que lhe dá segurança. Por vezes há como que uma relação em espelho, mas que apesar disso pode ser de reforço para o Eu, fazendo aumentar a confiança em si próprio e favorecendo a coesão e a unidade de personalidade que se procura através do outro (Reymond-Rivier, 1974).

Pode-se ainda referir um terceiro aspecto é que se situa na própria natureza deste processo de experimentação e de transição. Uma característica do movimento dum estágio para o outro é precisamente a necessidade de tentar novas formas de comportamento; isto parece particularmente verdade para os adolescentes. O jovem tem que experimentar, ensaiar novos papéis. Um processo de mudança exige fazer escolhas e escolher implica explorar e arriscar também. É este desafio em que o jovem se confronta, é por aí que ele vai crescer. Nesta moratória, com experiências ora dolorosas ora gratificantes, o envolvimento com os pares é importante, pois muita dessa experimentação é feita com os pares e entre os pares.

Sentido do desenvolvimento interpessoal

Numa abordagem mais global da direcção do processo do desenvolvi-

mento interpessoal este pode ser equacionado em duas dimensões complementares: a autonomia e interdependência, por um lado, a cooperação, por outro.

No que respeita ao primeiro aspecto, o desenvolvimento dos jovens tem sido concebido no sentido de uma progressiva libertação da dependência que o liga (ou ligava) aos outros, quer estes sejam os pais ou os adultos em geral, quer sejam os próprios companheiros. O processo de socialização caracteriza-se por este itinerário, que vai da dependência à autonomia ou melhor, à autonomia interdependente. Neste processo, a independência será ainda um estágio de média diferenciação, um estágio intermediário, frequentemente considerado como característica do desenvolvimento na adolescência.

No processo de crescimento interpessoal há um certo momento em que é preciso passar para o lado oposto, ganhar uma certa distância relativamente à posição onde se estava anteriormente. Em termos relacionais, estar ou passar-se para o lado oposto, querer cortar com as «amarras» pode significar a procura de encontrar um lugar para si; este lugar ou papel não pode ser atingido ou construído apenas ou exclusivamente pela negação em relação aos outros, mas também pela afirmação de si relativamente aos outros. Por isso, o querer cortar com as «amarras» e passar para uma situação de independência, que é uma característica do desenvolvimento adolescente, constitui o meio caminho entre a dependência e a interdependência autónoma e responsável.

Ser um indivíduo autónomo é ser capaz de conduzir-se, de ser o motor da sua própria existência, sabendo ou estando consciente que não se está só e que não se é o único a determinar e a influenciar o rumo da sua existência. Há sempre um projecto social para o indivíduo — a necessidade da existência de cada um se realizar em sociedade, obriga a que a elaboração e a realização do projecto individual se insira num projecto social; não se trata pois de negar esse projecto social, mas também não se trata de o aceitar de

forma passiva ou de aceitar qualquer um. A interdependência autónoma, traduz-se pela capacidade de uma tomada de posição crítica, implica estar «criticamente activo» face a esse projecto. (Campos, 1980).

Trata-se de saber e de compreender que algo nos liga aos outros, que nós temos necessidade disso, mas que não nos perdemos aí, não desaparecemos no outro. Não deixamos de ser quem somos, quando aceitamos activa e criticamente as influências dos outros. Os outros participam, intervêm no nosso processo de crescimento. Mas nós somos os seus principais agentes e motores.

Interdependência está estreitamente ligada à cooperação, ao ser capaz de estar com os outros, de trabalhar no mesmo sentido, para os mesmos objectivos. Também aqui não se trata de anular os objectivos pessoais ou colectivizar a nossa existência. Cooperar é ser capaz de participar com outros num projecto, que não é apenas o nosso, nem tem sentido apenas para nós — é um projecto colectivo, é também de outros. Cooperar é pois produzir para e com os outros, mas essa contribuição é a nossa, é pessoal. Cooperar só toma e tem sentido na intervenção do indivíduo com os outros.

A autonomia interdependente e a cooperação são o resultado histórico da interacção entre o indivíduo e o seu meio. O desenvolvimento interpessoal, de facto não se faz de maneira natural, nem emerge unilateralmente, mas é antes um processo de construção na interacção do indivíduo com os outros; a sua qualidade parece pois depender da qualidade das interacções entre indivíduos nos diversos meios de vida.

Programas de desenvolvimento interpessoal

Alguns estudos têm mostrado que este desenvolvimento não pode ser deixado ao acaso, mas deve ser alvo duma intervenção sistemática e intencional, sobretudo em relação a certas áreas da existência e durante certos períodos de vida; a adolescência, como um período crucial na aprendizagem da autonomia

e da cooperação e na construção da identidade, constitui um desses momentos privilegiados. A intervenção não se deve limitar aos momentos da crise ou a prevenir crises; destina-se ainda a promover e otimizar possibilidades para que o jovem se torne cada vez mais motor do seu itinerário e capaz de aproveitar e participar nas interações com os outros. (Campos, 1976, 1980; Sprinthall e Collins, 1984).

É por isso que no domínio do desenvolvimento interpessoal têm aparecido nos últimos anos programas de treino de competências sociais para crianças, jovens e adultos e relativos a questões diversas como isolamento, agressividade, ansiedade social, por exemplo. Esses programas têm sido destinados ou implementados em contextos diversos, desde a escola ao hospital, do campo de férias a estabelecimentos prisionais. Alguns têm objectivos mais do tipo remediativo, outros visam sobretudo a promoção ou capacitação dos indivíduos para um relacionamento interpessoal mais adequado, diversificado e gratificante.

Apoiados pela teoria da aprendizagem social e, mais recentemente, pelas abordagens do tipo cognitivista, os investigadores têm dirigido a sua atenção prioritariamente para as técnicas ou estratégias de ensino das competências como a modelagem, o reforço, o role-playing, feed-back, auto-instrução, reestruturação cognitiva, etc.

Esta preocupação pela produção de uma certa tecnologia sobre o processo de promoção do desenvolvimento não tem sido acompanhada por uma igual atenção aos aspectos relativos aos objectivos específicos do mesmo, como sublinha Russel (1984). Procurando contribuir para a análise e conceptualização de tais objectivos, têm vindo a ser desenvolvidos mais recentemente alguns trabalhos com quadros de referência diferentes, entre os quais são de referir os de Selman (1980), Gottman (1983), Greenberger e Sorensen (1974), P. Trower (1984), Russel (1984).

Objectivos do estudo

Este estudo procura contribuir para o esclarecimento da questão relativa

aos objectivos específicos dos programas de desenvolvimento interpessoal tomando como ponto de referência as dificuldades sentidas pelos jovens no relacionamento com os seus pares. O pressuposto é que uma intervenção deverá partir do que constitui problema ou preocupação para quem a solicita ou a quem é proposta.

Mais concretamente procurar-se-á caracterizar:

- a incidência das dificuldades num conjunto de 40 comportamentos sociais e em função de 3 tipos de relação: com colegas, com amigos e com o(a) namorado(a);
- as diferenças no índice de dificuldade sentida pelos rapazes e raparigas das diversas idades, relativamente aos 40 comportamentos, a cada tipo de relação e ao sexo do parceiro;
- a importância que os jovens atribuem a esses mesmos comportamentos sociais.

Metodologia

Instrumento

Tendo em conta os objectivos e as questões enunciadas, procedeu-se à elaboração duma escala de auto-avaliação da dificuldade experimentada em 40 comportamentos interpessoais, nas relações com colegas, com amigos e com o(a) namorado(a). Utilizou-se esta escala para avaliar o grau de dificuldade sentida e a importância atribuída, pelos sujeitos, aos diferentes comportamentos naquelas relações. Para o efeito pediu-se aos sujeitos que assinalassem os comportamentos em que tinham dificuldade e em que grau (pequena ou grande) relativamente a 5 tipos de relações: com colegas do mesmo sexo e do sexo oposto; com amigos do mesmo sexo e do sexo oposto e com o(a) namorado(a). Pediu-se em seguida, para assinalarem os comportamentos que julgam ser importantes naquelas relações interpessoais, independentemente de sentirem ou não dificuldade. (Quadro I).

QUADRO I

Itens do Questionário

1 — Ouvir os outros	13 — Oferecer ajuda	22 — Defender os meus direitos	31 — Estar à vontade
2 — Iniciar uma conversa	14 — Desculpar os outros	23 — Evitar problemas com os outros	32 — Aceitar o gozo dos outros
3 — Agradecer	15 — Conquistar os outros	24 — Controlar-me	33 — Afastar-me dos conflitos
4 — Elogiar	16 — Atrair a atenção dos outros	25 — Estabelecer primeiros contactos	34 — Ceder
5 — Criticar os outros	17 — Pedir desculpa	26 — Estar disponível	35 — Não exigir demais dos outros
6 — Ter uma conversa	18 — Convencer os outros	27 — Abrir-me	36 — Ser simpático
7 — Pôr questões	19 — Partilhar alguma coisa	28 — Aceitar a irritação dos outros	37 — Apoiar os outros
8 — Pedir ajuda	20 — Falar do que sinto	29 — Responder às provocações	38 — Tomar iniciativas num grupo
9 — Juntar-me aos outros	21 — Perceber o que os outros sentem	30 — Aceitar ficar de fora	39 — Cooperar
10 — Auto criticar			40 — Contar histórias, anedotas

A elaboração desta escala de auto-avaliação baseou-se em 2 tipos de fontes:

- em programas de treino de competências sociais para adolescentes: 22 itens da escola foram extraídos do «Programa de Aprendizagem Estruturada» de Goldstein (1980) e os restantes itens foram criados ou adaptados sobretudo com base nos programas de Sprinthall (1984), Boisvert e Beaudry (1979) e Spence (1981);

- em entrevistas com um grupo de 10 jovens, de ambos os sexos e com idades compreendidas entre os 14 e os 17 anos, através dos quais se procurou avaliar a relevância dos comportamentos seleccionados e explorar outros que lhes parecessem importantes e/ou que fossem fonte de dificuldade. Obviamente, procurou-se também inquirir sobre a acessibilidade e adequação da linguagem, tendo em conta o tipo de população a que se dirigia o nosso estudo. Estes contactos com os jovens levaram também a diversificar os tipos de relação: com colegas, com amigos (separando os sexos) e com o(a) namorado(a).

Amostra

Esta escala foi passada a 240 alunos do ensino secundário do Porto, do 7.º ao 12.º ano de escolaridade e com idades compreendidas entre os 13 e os 18 anos. Recorremos a 2 escolas secundárias do Porto — uma ex-escola técnica e um ex-liceu — que apresentam uma população estudantil heterogénea, quer em termos de sexo (sensivelmente o mesmo número de alunos dos dois sexos), quer do ponto de vista sócio-económico e mesmo geográfico, pois recolhem alunos da cidade e de zonas da periferia. Os alunos a quem foi passada a escala, pertenciam a turmas sorteadas para o efeito. No Quadro II apresenta-se a distribuição dos sujeitos em função do sexo e da idade.

Tratamento dos resultados

Com base no tipo específico de informações obtidas através da escala — cada sujeito apenas assinalava o grau de dificuldade em cada comportamento relativamente aos 5 tipos de relação — elaborou-se um índice de dificuldade de cada comportamento ou cada tipo de relação, tendo em conta o número de sujeitos que declararam dificuldade e o grau de dificuldade indicado. Para a análise estatística recorreu-se a testes não paramétricos, passíveis de aplicação a escalas ordinais.

QUADRO II

Distribuição dos sujeitos em função do sexo e idade (anos e meses).

Grupos Etários	RAPARIGAS		RAPAZES		TOTAL	
	N	Idade Média	N	Idade Média	N	Idade Média
13	20	13	20	13	40	13
14	20	13.10	20	14	40	13.11
15	20	15	20	14.10	40	14.11
16	20	15.10	20	16	40	15.11
17	20	16.10	20	16.11	40	16.11
18	20	17.10	20	18.	4	17.11
Totais	120		120		240	

Resultados*Incidência global das dificuldades*

Procurou-se saber quantos são os sujeitos que têm dificuldade com colegas, com amigos e com o(a) namorado(a). Trata-se apenas de obter um indicativo numérico global dos sujeitos que apresentam dificuldades, relativa-

mente a cada um dos tipos de relação. No Quadro III figuram as percentagens de sujeitos que sentem dificuldade (grande ou pequena) em pelo menos um comportamento. Estes dados servem apenas para dar uma ideia da incidência geral das dificuldades dos sujeitos — daí que se tenham diferenciado apenas os 3 tipos de relação, a idade e o sexo.

QUADRO III

Percentagem de sujeitos com dificuldade (grande ou pequena) em pelo menos um comportamento (por idade, sexo e tipo de relação)

IDADE e SEXO	COLEGAS		AMIGOS		NAMORADO(A)	
	mesmo sexo	outro sexo	mesmo sexo	outro sexo		
13	F	42%	46%	32%	34%	24%
	M	32%	30%	18%	17%	15%
14	F	28%	31%	18%	20%	16%
	M	40%	40%	25%	27%	28%
15	F	45%	52%	31%	37%	30%
	M	50%	52%	31%	34%	30%
16	F	54%	53%	47%	48%	26%
	M	47%	49%	42%	44%	25%
17	F	40%	43%	34%	39%	16%
	M	27%	27%	21%	23%	17%
18	F	45%	50%	39%	40%	24%
	M	47%	47%	39%	40%	17%

Em função dos comportamentos

Verificou-se que há diferenças significativas de dificuldade entre os comportamentos (testes de Friedman, $p < 0.01$) e que estes podem ser ordenados de acordo com o índice de dificuldade que apresentam para os sujeitos (teste de Page, $p < 0.001$). Apresentam-se no Quadro IV os conjuntos de comportamentos com maior e menor índice de dificuldade e que, salvo pequenas diferenças, são os mesmos em cada grupo etário e em ambos os sexos.

QUADRO IV — Comportamentos de maior e menor dificuldade

COMPORTAMENTOS DE MAIOR DIFICULDADE:

- aceitar o gozo dos outros
- aceitar ficar de fora
- aceitar a irritação dos outros
- abrir-me
- responder às provocações
- criticar os outros
- estabelecer primeiros contactos
- falar do que sinto
- perceber o que os outros sentem
- controlar-me

COMPORTAMENTOS DE MENOR DIFICULDADE:

- apoiar os outros
- ser simpático
- cooperar
- ajudar os outros
- agradecer
- oferecer ajuda
- prestar atenção aos outros
- estar disponível
- ouvir os outros

Em função do tipo de relação

Procurou-se também saber se existem ou não diferenças significativas nas dificuldades apresentadas nas relações com colegas, com amigos e com o(a) namorado(a). Verificou-se que há diferenças significativas nas dificuldades entre os 3 tipos de relação (teste de Friedman, $p < 0.01$) e que podem ser ordenadas da seguinte maneira: 1.º, com colegas; 2.º, com amigos e 3.º, com o(a) namorado(a) (teste de Page, $p < 0.01$).

Em função do sexo do parceiro

Verificou-se que a relação com o sexo oposto apresenta um maior índice de dificuldade estatisticamente significativo (teste dos sinais, $p < 0.001$ e teste de Wilcoxon, $p < 0.05$).

Em função do sexo do sujeito

Os resultados encontrados apontam para a independência entre o sexo dos sujeitos e as dificuldades nos 3 tipos de relação, à excepção dum item (tomar iniciativa num grupo) para a relação com colegas (sexo feminino com mais dificuldade; $p < 0.05$).

Em função da idade

Verificou-se a existência de diferenças significativas entre os grupos etários (teste de Friedman, $p < 0.01$) e concluiu-se pela existência de 3 níveis de dificuldade (teste de Page, $p < 0.01$): um nível superior aos 13 anos, um nível intermédio aos 15 e 18 anos e um nível inferior aos 14, 16 e 17 anos.

Importância atribuída aos comportamentos

Procedeu-se também à ordenação dos comportamentos em função da importância que os sujeitos lhes atribuíram. No Quadro V são referidos os 10 comportamentos considerados importantes por um maior número de sujeitos.

QUADRO V — Comportamentos mais importantes

- ouvir os outros
- ser simpático
- apoiar os outros
- evitar problemas com os outros
- perceber o que os outros sentem
- pedir desculpa
- oferecer ajuda
- ajudar os outros
- prestar atenção aos outros
- estar à vontade

Importância e dificuldade

Ao analisar a correlação entre a importância atribuída e a dificuldade sentida nos comportamentos verifica-se

que os valores obtidos pelo coeficiente de Spearman (Quadro VI), são negativos em todos os grupos etários e em ambos os sexos, embora com um valor absoluto não muito elevado, o que nos permite concluir que os comportamentos a que é atribuída mais importância não são aqueles em que as maiores dificuldades se fazem sentir.

QUADRO VI — Correlação entre importância e dificuldade: valores do coeficiente de Spearman

Sexo	Idade	r _s
M	13	— 0.23
	14	— 0.44
	15	— 0.52
	16	— 0.46
	17	— 0.24
F	18	— 0.53
	13	— 0.37
	14	— 0.27
	15	— 0.37
	16	— 0.44
	17	— 0.23
	18	— 0.48

Discussão

Antes de iniciar a discussão dos resultados, é necessário salientar alguns aspectos relativos ao instrumento utilizado neste estudo. Não foi objectivo do estudo a elaboração de uma escala e por isso não incidu sobre o instrumento em si. As questões de metodologia que a este propósito se possam levantar ficam assim em aberto pelo que, na interpretação dos resultados é de atender a estas limitações metodológicas. Considera-se, no entanto, que os dados obtidos constituem uma base de apoio útil para um futuro estudo metodologicamente mais exigente e aprofundado.

a) A primeira questão levantada por este estudo refere-se à incidência das dificuldades no relacionamento entre jovens: trata-se efectivamente duma realidade presente na maioria dos jovens. O que é reforçado por um outro resultado obtido, em questões complementares, e relativas ao desejo e procura de ajuda na resolução dessas difi-

culdades: 75% dos sujeitos afirmam que procuram ajuda e 72% refere que que desejam ajuda.

b) Verifica-se, no entanto, que há diferenças significativas entre os índices de dificuldade relativos a cada comportamento, isto é, há comportamentos em que as dificuldades são significativamente maiores. Constata-se que este conjunto de comportamentos não difere substancialmente nos vários grupos etários e em ambos os sexos e que, a tendência em qualquer um dos comportamentos, é para a relação com os colegas ser aquela em que a dificuldade é maior.

Porquê estas diferenças? Atendendo aos dois conjuntos de comportamentos poderíamos destacar alguns aspectos. O grupo de comportamentos que apresentam maior dificuldade tem que ver com comportamentos para lidar com situações de conflito, de tensão; tem também que ver com a expressão de sentimentos pessoais negativos e com a compreensão dos sentimentos do outro e ainda, com o auto-controlo. São pois comportamentos complexos do ponto de vista psicológico — trata-se de ser capaz de reagir bem em situações de dificuldade para o próprio sujeito ou para os outros.

O grupo de comportamentos que apresentam menor dificuldade, caracteriza-se por uma menor implicação pessoal e emocional. Contudo, parece ser um grupo de comportamentos valorizados socialmente, para os quais as práticas educativas tradicionais se dirigem: ajudar, ser simpático, agradecer... Em certa medida, a aprendizagem destes comportamentos está bastante mais implícita e até é mais defendida no processo de socialização tradicional, do que a aprendizagem dos comportamentos sentidos como mais difíceis pelos sujeitos, neste estudo.

O que acabou de ser dito, pode ser melhor compreendido à luz dum outro resultado que diz respeito às correlações negativas (entre —.2 e —.5), entre a importância atribuída aos comportamentos e as dificuldades sentidas. Há assim uma certa tendência para con-

siderar importantes aqueles comportamentos em que se não tem dificuldade e para não considerar importantes aqueles em que se tem dificuldade. Este resultado vem reforçar o que foi dito anteriormente: há duas dimensões que estão a ser avaliadas — uma dimensão mais psicológica e outra mais social, mais ligada ao que se aprende formal e informalmente. As dificuldades sentidas nos comportamentos prendem-se com a primeira dimensão, enquanto a importância atribuída a esses comportamentos seria uma variável já mais relacionada com a segunda dimensão. Neste sentido, os comportamentos em que os jovens sentem menos dificuldade seriam aqueles em que o processo educativo, mais ou menos formal, incidiu e seriam também aqueles que (por isso?) são mais importantes. Os outros comportamentos que apresentam um maior índice de dificuldade, remetem para uma vivência mais interna, mais «pessoal».

c) Este estudo também nos leva a concluir que é a relação com colegas que apresenta mais dificuldades. Duma maneira geral dir-se-ia que há mais dificuldades quanto menor o grau de intimidade e profundidade da relação. Porquê? Isto é compreensível se considerarmos que a existência de dificuldades numa relação pode constituir um obstáculo ao estreitamento e aprofundamento de laços entre os parceiros. Neste sentido, se uma relação é mais íntima, é também porque os parceiros foram mais competentes a aprofundar a sua relação. Daí que, ser amigo ou, ainda mais, ser namorado só é possível se se tiver sido minimamente competente para ultrapassar as dificuldades e os obstáculos que uma relação mais profunda implica e exige. Saliente-se ainda o facto de se tratar de relações já estabelecidas. Possivelmente os resultados seriam bem diferentes, se se avaliasse as dificuldades dos jovens face ao iniciar ou estabelecer relações, isto é, sobre o «momento» de passagem de um nível para outro.

d) Encontram-se também significativamente mais dificuldades com o sexo oposto do que com o mesmo sexo,

o que será compreensível tendo em conta o período de desenvolvimento em que os sujeitos se encontram. A adolescência caracteriza-se também pela aprendizagem no relacionamento com o sexo oposto; o estabelecimento e aprofundamento de relações heterossexuais constitui uma tarefa desenvolvimental neste período do ciclo vital. Compreende-se então que, os jovens sintam mais dificuldades numa área que é de exploração e de experimentação.

e) Em relação à variável idade, a interpretação dos resultados parece ser mais complexa e menos clara. Encontram-se 3 níveis significativamente diferentes quanto à dificuldade manifestada: um nível superior aos 13 anos, um nível intermédio aos 15 e 18 anos e um nível inferior aos 14, 16 e 17 anos. A que se devem estas oscilações? Corresponderão a momentos de mudança ou críticos na adolescência? Mas será a idade a balizar isso? A idade é apenas um «marco», não uma variável desenvolvimental. Verifica-se também que os diferentes grupos etários apresentam dificuldades nos mesmos comportamentos, apenas variando o grau de dificuldade. Mas será que os mecanismos subjacentes e aí intervenientes serão os mesmos nestes diferentes grupos etários? Estas questões só poderão ser compreendidas com outros estudos metodologicamente mais exigentes, quer ao nível da construção da amostra (já que neste estudo há apenas 40 sujeitos para cada grupo etário, enquanto que para cada tipo de relação há 240 e para cada grupo sexual 120) quer ao nível do controlo de variáveis.

f) Este estudo permite-nos concluir que os comportamentos relativamente aos quais os jovens exprimem mais dificuldade não são aqueles a que os programas de desenvolvimento inter-pessoal têm dado mais atenção. Enquanto os programas privilegiam o ensino de competências básicas (Carkuff, 1974, Avery et al, 1979, Goldstein et al, 1981, Sprinthall e Collins, 1984), os jovens consideram estas de menor dificuldade e referem como constituindo maior dificuldade comportamentos mais complexos. A ideia que está presente

em muitos programas, a do ensino de competências das mais simples para as mais complexas, não parece muito compatível com a avaliação que os jovens fazem das suas dificuldades. Os objetivos de tais programas parecem não coincidir com as necessidades sentidas pelos jovens, o que justifica uma interrogação sobre a sua adequação e a procura de alternativas. E pode ser que os programas com outros objetivos venham a exigir também uma metodologia diferente.

g) Uma outra implicação para a intervenção refere-se ao relevo a dar ao tipo de relação. Neste estudo foram diferenciados 3 tipos de relação e ainda, mais globalmente, as relações entre os sexos (mesmo sexo e sexo oposto). Relativamente a este último caso, esta diferenciação é bastante frequente nas investigações sobre esta problemática. Pelo contrário, a diferenciação introduzida respeitante às relações com colegas, amigos e namorados, e que tem em conta a problemática interpessoal na adolescência, já nos parece mais inovadora. Ora esta diferenciação é importante para a avaliação das dificuldades e para o desenvolvimento interpessoal. De facto, constata-se que o grau de dificuldade apresentada depende do contexto ou da situação relacional em questão, isto é, do tipo de relação em que se inserem os comportamentos.

Em síntese, as questões relativas aos objetivos (e metodologias?) dos programas de desenvolvimento interpessoal deverão ser enquadradas numa abordagem mais vasta e complexa e que atenda, pelo menos, a 3 aspectos: tipos de comportamento, maneira como o sujeito avalia ou percebe as suas dificuldades e situação ou contexto relacional. Muito provavelmente tal abordagem levará ainda a concluir que o desenvolvimento interpessoal não será apenas resultado de programas sistemáticos que se *adicionam* aos programas mais ou menos «ocultos» em que os sujeitos estão inseridos mas passa pela explicitação e redimensionamento destes. O que não deixa de ser pleno de

consequências para o papel do psicólogo relativamente ao desenvolvimento interpessoal dos jovens.

Bibliografia

- Boisvert, J. M., Beaudry, M. (1979), *S'Affirmer et Communiquer*. Montreal, Les Éditions de l'Homme.
- Campos, B.P. (1976), *Educação sem Seleção Social*. Lisboa. Livros Horizonte.
- Campos, B.P. (1980 a), *Orientação Vocacional no Unificado e Formação de Professores*. Lisboa. Livros Horizonte.
- Campos, B.P. (1980 b), Orientação vocacional numa perspectiva de intervenção no desenvolvimento psicológico. *Revista Portuguesa de Pedagogia*, ano X, 195-230.
- Coleman, J.E. (1980), Friendship and the peer group in adolescence. In J. Adelson (Ed.) *Handbook of Adolescent Psychology*. New York, Wiley.
- Epstein, J.L., Karweit, N. (1983), *Friends in School*. Academic Press.
- Goldstein, A. (1980), *Skills-Streaming the Adolescent. A Structured-Learning Approach to Teaching Prosocial Skills*. Champaign. Research Press Company.
- Goldstein, A. (1981), Social skills training. In A. Goldstein, E. Carr, A. Davidson, P. Wehr (Eds.) *Response to Aggression*. Pergamon Psychological Series.
- Gottman, J.M. (1983), How children become friends. *Monogr. Soc. Res. Child Dev.* 48 (Seriell, n.º 201).
- Greenberger, E., Sorensen, A. (1974), Toward a concept of psychosocial maturity. *Journal of Youth and Adolescence*, 3, 4, 329-358.
- Haynes, L., Avery, A. (1979), Training adolescents in self-disclosure and empathy skills. *Journal of Counselling Psychology*, 26, 6, 526-530.
- Peterson, A., Taylor, B. (1980), The biological approach to adolescence. In J. Adelson (Ed.), *Handbook of Adolescent Psychology*. New York, Wiley.
- Reymond-Rivier, B. (1973), *O Desenvolvimento Social da Criança e do Adolescente*. Lisboa, Aster, 2.ª edição.
- Russell, A. (1984), a social skills analysis in childhood and adolescence using symbolic interactionism. *Journal of Youth and Adolescence*, 3, 1, 73-92.
- Selman, R. (1980), *The Growth of Interpersonal Understanding; developmental and clinical analyses*. New York, Academic Press.
- Spence, S. (1981), *Social Skills Training with Children and Adolescents. A counsellor's manual*. London, Nelson Publishing.
- Sprinthal, N., Collins, W. (1984), *Adolescent Psychology. A developmental view*. Massachusetts, Addison — Wesley Publishing.

Resumé

A travers l'analyse des difficultés que les jeunes sentent dans la relation avec leurs pairs, les auteurs questionnent les objectifs des programmes courants de développement interpersonnel. Une échelle d'auto-évaluation du degré de difficulté perçu en rapport à quarante comportements de relations vis à vis des collègues et des amis des deux sexes ainsi que des partenaires «amoureux» a été passée à 240 élèves de deux écoles secondaires urbaines, de 13 à 18 ans. Les comportements dont l'indice de difficulté est le plus élevé, pour garçons et pour filles des différentes tranches d'âge, ne sont pas ceux auxquels les programmes de développement interpersonnel ont accordé plus d'attention. En outre l'indice de difficulté diffère en fonction du type de relation: élevé vis à vis des collègues, il baisse en relation aux amis et plus encore en relation aux partenaires «amoureux». Ceci semble conseiller que soit accordée plus d'attention au contexte relationnel dans l'élaboration de programmes de développement interpersonnel.

Abstract

The goals of current interpersonal development programs are questioned through the analysis of the difficulties that the youngsters feel in peer relationships. A self-report assessment scale about the degree of the difficulty felt with colleagues and friends, of the same and opposite sex, as well as with boy (girl) friends, was administered to 240 students aged 13 to 18, from two urban secondary schools. The behaviors found to have the highest level of difficulty, both for boys and girls of all age levels, are not those commonly addressed by the current interpersonal development programs. Besides, the level of difficulty depends on the kind of the relationship considered: higher for colleagues and easier for friends and boy (girl) friends. These findings points to the need of a closest attention towards the relational context in interpersonal development programs.